

SAÚDE E AMBIENTE

Conversa com Gonçalo Ribeiro Teles

R&U — Um dos aspectos que nos propomos considerar é o da articulação da saúde com o ambiente.

Não sei se pretende dar, desde já, alguma achega relativamente a este assunto, na generalidade, ou se, pelo contrário, considera preferível começarmos pela abordagem de questões particulares?

R. T. — Talvez a minha profissão de arquitecto-paisagista, dedicado aos problemas do ambiente biofísico e do ordenamento territorial, me permita ultrapassar um pouco a deformação inerente a todas as actividades sectoriais, visto que, para o exercício daquelas matérias, é necessário uma visão global e integrada dos problemas.

A questão que pôs foi a da relação ambiente/saúde.

A saúde resulta do equilíbrio harmonioso entre o homem e o ambiente.

Assim, ambiente e saúde estão intimamente relacionados.

Ambiente, por sua vez, não é mais do que a resultante da qualidade dos quadros biofísico, interpessoal e social em que se insere a actividade do homem.

O ambiente tem portanto que servir o homem, no entanto, também dele depende a cultura.

O HOMEM É O ESCULTOR DO SEU AMBIENTE

R&U — Quer precisar, qual o significado do conceito de saúde?

R. T. — A saúde, como já disse, não é mais do que a existência, entre *homem e o ambiente, de um equilíbrio harmonioso e dinâmico.*

A evolução física e psicológica do homem no ambiente em que está inserido provoca uma procura constante de tal equilíbrio harmonioso, de que resulta a sua permanente inquietação e a ideia de que a construção do «eco» é também um instrumento da sua libertação total.

O ambiente terá, portanto, que ser obra do homem. Tão mais conseguida quanto mais humanizada for a paisagem resultante.

É evidente que um esquimó, ou uma tribo da Amazónia, estão muito longe da situação do homem europeu.

Vivendo em situações ecológicas marginais, os primeiros não encontram condições do meio que permitam a evolução da sua cultura com as possibilidades de que dispunham os homens noutras regiões.

Medicina, saúde e poder

Portanto, se a resultante da relação entre o homem e o ambiente é a saúde, esta depende também da criação permanente de uma cultura própria.

Podemos afirmar que a construção do ambiente pelo homem, a partir da sua primitiva integração na Natureza, é como a de um escultor que está a moldar uma estátua que será a sua própria casa, a fonte dos meios de que necessita para viver e que é constituída com a mesma matéria de que física e biologicamente ele é constituído.

R. & U. — Parece-nos, contudo, que o próprio homem, também ele, é um quadro biológico.

R. T. — *O próprio homem também é um quadro biológico integrado e dependente de sistemas biológicos que ele vai moldando. O homem vive integrado e dependente desse quadro que é e se prolonga numa cadeia articulada a toda a biosfera.*

A saúde será uma resultante do equilíbrio destas três situações.

Uma política do ambiente deve visar a saúde das populações, o que quer dizer: tem de construir o ambiente de maneira a garantir aquele equilíbrio dinâmico e harmonioso de que depende a saúde.

A dinâmica deste equilíbrio leva-nos a considerar que as possibilidades de saúde são diferentes de época para época, de região para região. Será uma concepção universal de humanidade e a libertação do homem que cada vez mais aproximará os homens e os seus problemas até níveis que vão sendo atingidos por um cada vez maior número de pessoas de cultura, próprias e vivendo em situações ecológicas muito diferentes.

Podemos, portanto, verificar a partir daqui a importância primordial que a construção do ambiente tem para a saúde do homem, a sua vontade de viver, a sua inquietação, que não é mais do que a procura constante do equilíbrio entre si e aquele ambiente.

A SAÚDE PRECISA DA DIVERSIDADE

R. & U. — Dentro dessa concepção de ambiente parece-nos que se podem considerar os aspectos relacionais do homem com ele próprio, para além dos que ele estabelece com a biosfera, bem como os aspectos do homem com a comunidade social em que ele está inserido.

R. T. — Evidentemente. O termo ambiente, bem como o termo «ecologia», têm sido divulgados sem contudo se definir aquilo que querem dizer.

O ambiente familiar e social em que as pessoas se integram tem uma importância enorme no seu carácter e personalidade. Isto leva-nos a relacionar, também, adaptação com ambiente.

O ambiente é a convergência de muitos e complexos componentes que actuam sobre o homem e até fazem parte do seu ser físico.

No entanto, o homem é o responsável pelo ambiente que, como já vimos, vai construindo.

Uma agricultura industrializada no mau sentido da palavra, pelo emprego de adubos e pesticidas, pode, não só provocar a produção de alimentos impró-

prios para a saúde, para o tal equilíbrio entre o homem e o ambiente, como até mesmo a fome, visto destruir o fundo de fertilidade das terras.

Também, por exemplo, o povoamento industrial e extremo de eucaliptais de uma maneira indiscriminada, como tem vindo a ser feito, pode afectar a saúde dos portugueses e a qualidade da sua vida, pela carência gradual de alimentos em face dos problemas de erosão que surgirão, do aumento do regime de torrencialidade e do mau aproveitamento do ciclo da água.

Outro exemplo: a expansão urbana que está, por vezes, a fazer-se para cima de solos apropriados para uma agricultura intensiva, virá a afastar a produção de alimentos frescos dos centros consumidores, perdendo por isso qualidades, quer pelos acidentes de transporte (trepidação), quer pelo tempo gasto no mesmo. Paralelamente a construção de habitação invade áreas impróprias e geralmente húmidas, devido à presença superficial do lençol freático, o que provoca o aparecimento de doenças reumáticas nos habitantes.

Podemos, por outro lado, afirmar que a concentração é a antítese da qualidade, conduzindo à massificação e à homogeneidade. No entanto, a saúde do homem depende da diversidade. Adaptou-se às circunstâncias mais diversas, desde as regiões árticas até ao deserto. No entanto, é na maior diversidade dos elementos componentes do ambiente que o homem encontra o *habitat* mais propício.

Na cidade, por exemplo, precisamos de diversidade; ao lado de praças sossegadas, onde possamos parar e descansar um pouco, é necessário existirem largos, praças e ruas buliçosas, cheias de luz, lojas e movimento.

O homem só pode existir e valorizar-se no máximo de diversidade, entre limites afastados que, contudo, não podemos ultrapassar.

A saúde necessita dessa variedade, devemos ter ao nosso dispor situações ambientais diferentes.

É o «sentir» o correr das estações com a evolução da própria «imagem» da Natureza e acompanhar esse ritmo, tão afastado já da vida urbana.

O homem, para ter saúde, tem de acompanhar o ritmo que o ambiente lhe proporciona. O ritmo é como que uma disciplina da inquietação. Grande parte dos problemas psicológicos resultam da monotonia e da ausência de variedade.

O homem deixou já de ser um simples animal da floresta, ou da estepe, é de facto um ser da «orla», isto é, da zona de contraste entre a mata e a clareira. É este facto que lhe permite, por outro lado, adaptar-se às situações marginais mais diversas.

A humanização da paisagem não é mais do que a procura da diversidade da «orla», de uma zona de contraste entre a floresta e a clareira. A destruição da paisagem feita pelo próprio homem quando perde o sentido da razão e da função das coisas e das leis da Natureza, é a sua própria destruição.

A concentração das gentes e das fontes de produção, a macrocefalia dos grandes países, motivando o despovoamento e a monotonia nas culturas de vastas zonas, constituem desumanizações.

CRESCIMENTO NÃO É PROGRESSO

R. & U. — O que disse não está em oposição com a concepção comummente aceite de «desenvolvimento» e de «progresso»?

R. T. — Para mim desenvolvimento não é um mero crescimento económico. Crescimento — aumentar o produto nacional bruto — não tem significado, não é progresso.

O desenvolvimento, pelo contrário, é antes a gradual evolução para diferentes níveis de complexidade. Uma sociedade progride quando atinge níveis de complexidade de que resulta a felicidade possível, a alegria de viver, a saúde.

Desenvolvimento não é um acrescentamento de quantidade, mas sim uma melhoria da qualidade.

Dentro desta perspectiva, uma política de desenvolvimento e de progresso autêntico contraria a macrocefalização e a concentração; procura resolver os problemas que constituem obstáculos ao desenvolvimento.

A adaptação do homem ao quadro biofísico em que se insere, constitui o povoamento, consequência, portanto, do desenvolvimento e do progresso, que é o contrário do deserto físico e humano, consequência, por sua vez, do crescimento e da monstruosidade.

O povoamento deve ser encarado como a ocupação gradual do território, em ordem e qualidade. Para se compreender melhor isto podemos recorrer a uma imagem caricatural: um país constituído por uma grande cidade, um enorme parque nacional, uma grande floresta de eucaliptos, uma grande seara de trigo, uma colossal vacaria, uma grande barragem e uma siderurgia enorme. Este seria o Portugal do crescimento, o reino da quantidade, mas não seria o Portugal da qualidade, da cultura, da criatividade.

O Portugal que seria cultura e contribuição para a humanidade é a ocupação do território pela espécie humana, em termos de saúde, recreio e contemplação. Recreio que não é o queimar do tempo, ou o mero exercício físico, mas o acto de tornar a criar aquilo que é gratuito.

R. & U. — Isso contende com o seu crescimento das cidades e, por outro lado, pressupõe uma regressão no seu crescimento, como, por exemplo, o de Lisboa.

R. T. — A regressão do crescimento das cidades depende do modo de ocorrência do desenvolvimento. Assim, se o crescimento da cidade tem por consequência o despovoamento dos campos, provocando a concentração, é a antítese do desenvolvimento.

Se, pelo contrário, o crescimento das cidades for provocado por um harmonioso desenvolvimento de todo o território, tem toda a razão de ser até certos limites.

O crescimento acarreta a degradação da qualidade de vida, a diminuição da inquietação e da saúde, quando não é fruto do povoamento racional do território.